

## RESENHA

### PESQUISA EM HISTÓRIA DO ESPORTE

#### (RE)PENSANDO DESAFIOS E NOVOS CAMINHOS PARA O CAMPO

#### RESEARCH IN HISTORY OF SPORT

#### (RE)THINKING CHALLENGES AND NEW DIRECTIONS FOR THE FIELD

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. 192 p.

**FABIO PERES** | Graduado em Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) e em Educação Física (EEFD/UFRJ). Mestre e doutor em Saúde Pública (ENSP/Fiocruz). Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/IH/UFRJ).

Certa vez, em uma conversa, Chartier e Bourdieu concordaram sobre a necessidade de historiadores e sociólogos se questionarem a respeito de determinadas certezas que compõem cada uma das disciplinas.<sup>1</sup> O olhar científico deveria, nesse sentido, se voltar para a própria ciência. Entre outras coisas, esse olhar possibilitaria uma maior consciência por parte dos investigadores acerca dos limites e das potencialidades dos aportes conceituais e metodológicos empregados em suas pesquisas, bem como a respeito dos pressupostos, forças e tensões que compõem os campos em que eles, os próprios pesquisadores, se inserem e se posicionam (ao mesmo tempo, em que são posicionados).

De certa forma, o livro *Pesquisa histórica e história do esporte* pode ser interpretado a partir desse esforço de autoanálise (ou meta-análise) do campo de estudos da história do esporte. Contudo, vale destacar que tal iniciativa adquire uma *forma* particular, que é em grande parte responsável pelo traço inovador que permeia e norteia a obra.

---

<sup>1</sup> A conversa entre Chartier e Bourdieu se refere à série de entrevistas conduzida pelo historiador em 1987 para o programa radiofônico *À voix nue* da estação France Culture, que foi ao ar em cinco programas no início de fevereiro de 1988. Tais entrevistas foram publicadas integralmente no livro *O sociólogo e o historiador* (Bourdieu; Chartier, 2012).

Os autores se afastam da perspectiva de compilar simplesmente um rol de nomes, teorias e conceitos que constituem a historiografia relacionada ao esporte ou de apresentar “didaticamente” métodos e técnicas de pesquisa histórica; iniciativas que, embora importantes e necessárias, sobretudo em um campo ainda recente como é o caso da história do esporte, são mais típicas dos manuais ou guias introdutórios de uso exclusivo daqueles que estão se iniciando na investigação do tema.

A reflexão teórica e metodológica promovida pelo livro se dá por outras vias: pela busca de um diálogo mais consistente e sistemático entre, de um lado, as abordagens, teorias e modalidades historiográficas consagradas ou consideradas tradicionais da disciplina história e, de outro, o objeto esporte e os estudos desenvolvidos a respeito do fenômeno.

Não por acaso esse diálogo atravessa todos os capítulos do livro, sejam aqueles ligados a determinadas modalidades e seus respectivos enfoques – como a história cultural (capítulo 1), história política (capítulo 2), história econômica (capítulo 3) e a história comparada (capítulo 4), valendo ressaltar que cada um desses títulos é seguido da locução adjetiva “do esporte” –, sejam os voltados para as preocupações metodológicas que acompanham certas fontes e espaços, como os meios de comunicação (capítulo 5), a arte (capítulo 6), os arquivos (capítulo 7) e as fontes orais (capítulo 8).

Em outras palavras, os autores não se limitam ao exame endógeno do que se configurou, até o momento, a história do esporte. Mais do que isso, o livro favorece uma apreensão matizada de um *ethos* histórico de base, oferecendo ao leitor um conjunto de referências indispensáveis da história (autores, teorias, conceitos, correntes de pensamento etc.), sem perder de vista as especificidades do objeto e as maneiras como a produção historiográfica brasileira e internacional sobre o esporte têm lidado e se relacionado com esses marcos e pontos de referência da disciplina e de suas subdivisões.

Nesse sentido, o termo *diálogo* aqui empregado para descrever o livro não é gratuito. Não se trata de submeter de forma linear e abstrata o fenômeno a esse conjunto de balizas conceituais e metodológicas como se fosse uma “camisa de força” que enquadra e mutila *a priori* o objeto (Becker, 1997). Em vez disso, o trânsito em mão dupla empreendido pelo livro implica uma consciência da prática do *fazer* científico que remete “tanto sobre o quanto caminhamos quanto sobre o que nos falta trilhar” (p. 21).

Nesse processo de aproximação e diálogo, o olhar histórico sobre o esporte é afetado e transformado, ao passo que o objeto, por conta de suas peculiaridades e complexidade, também “afeta” ou “transforma” tais balizas e aportes, lhes atribuindo contornos específicos e suscitando, em alguns casos, novas questões. Como apontam os autores “a investigação de tais práticas pode mesmo contribuir para tensionar os próprios limites da disciplina história, inclusive por induzir os pesquisadores à busca de diálogos multidisciplinares” (p. 44).

Sem dúvida, não se trata de uma tarefa simples. Afinal, a história enquanto disciplina vem há algumas décadas passando por uma crise de identidade, muitas vezes vendo a si mesma como um campo fragmentado, desarticulado ou em “migalhas”, para utilizar a expressão cunhada por François Dosse (1994). Aliás, como nos lembra Thompson (1981, p. 48):

Os modos de escrever a história são tão diversos, as técnicas empregadas pelos historiadores são tão variadas, os temas da investigação histórica são tão díspares e, acima de tudo, as conclusões são tão controversas e tão veemente contestadas dentro da profissão, que é difícil apresentar qualquer coerência disciplinar.

Desse modo, grande parte do êxito do livro é consequência de uma visão de conjunto da pesquisa histórica e da história do esporte. Por certo, essa capacidade é resultado de um amadurecimento dos autores e de suas respectivas investigações, que há mais de uma década se dedicam a construir um olhar histórico mais cuidadoso do fenômeno esportivo. As trajetórias e as experiências acadêmicas tanto comuns como diferenciadas dos autores parecem constituir um atributo que lhes permite um olhar amplo e plural do campo e de suas ramificações.

Vale aqui fazer uma pequena digressão. Todos os autores, na época da publicação, faziam parte do Sport – Laboratório de História do Esporte e do Lazer (PPGHC/IH/UFRJ), grupo criado em 2006, reunindo pesquisadores e estudantes de instituições e formações variadas, muitos deles já envolvidos há bastante tempo com o tema. Além de estar inserido em um programa de pós-graduação, o Sport é responsável por diversas iniciativas importantes (edita o primeiro periódico científico de história do esporte da América Latina, está ligado à discussão da temática no âmbito de fóruns e encontros tradicionais da disciplina, publica uma série de livros e investigações dedicada especificamente ao tema, promove eventos científicos, oferece espaços de difusão e debate para o público especializado como também leigo, entre outras).<sup>2</sup> Em graus variados, a história do grupo se confunde e possui vários pontos de contato com uma maior consolidação do campo, sendo sob vários aspectos expressão e ao mesmo tempo sujeito desse processo.

Decorrente dessas relações dos autores com o campo, encontramos logo na introdução uma acuidade teórica e conceitual fundamental para entender o fenômeno esportivo. Nela encontramos formas de enxergar e interpretar a história do esporte, desenvolvidas pelos autores em pesquisas anteriores, que ali são retomadas de maneira resumida para que o leitor tenha, ao menos, uma visão mais rigorosa e complexa do esporte, enquanto objeto de investigação histórica.

O modelo heurístico proposto para compreender a estruturação do campo esportivo, a concepção de uma “história de práticas corporais institucionalizadas” e a necessidade de pensar as relações da história do esporte com a “história do lazer” ou da “diversão” são exemplos, entre outros, de uma perspectiva não dicotômica e simplista dos *paired concepts* (Bendix; Berger, 1959) que informam as ciências sociais e humanas e, em particular, a história: continuidade/ruptura, história/biografia, macro/micro, tradição/modernidade, estrutura/agência, dominação/resistência etc. Além disso, nesse capítulo introdutório, não só é apresentada uma síntese da conformação internacional e nacional da história do es-

---

<sup>2</sup> Maiores informações ver <<http://historiasport.wordpress.com/>>.

porte, como também são enunciados as lacunas (temáticas, teóricas e metodológicas) e um programa de investigação.

Diversos aspectos desse panorama, que envolve tanto hiatos quanto possibilidades na concepção e na prática de pesquisa histórica do esporte, são retomados nos capítulos seguintes. A busca por uma reflexão teórica e metodológica sobre o tema se dá a partir de uma consciência – que parece óbvia, mas nem sempre clara entre os pesquisadores – de que “a história do esporte é sempre história” (p. 40). Logo, os debates e os dilemas da disciplina são imprescindíveis para a formação e atuação do investigador que se dedica ao tema, tendo em vista que a “história do esporte vai se cruzar com muitas outras histórias” (p. 40). E é isso que o livro se propõe a fazer nos capítulos seguintes. Em todos eles, importa destacar, são apresentados exemplos concretos de questões e desafios que o pesquisador em história do esporte possivelmente vai se deparar; algo fundamental para uma prática de pesquisa mais consistente.

Eventualmente, o leitor sentirá falta de um aprofundamento mais teórico de algumas discussões e de um debate mais intenso com a historiografia nacional contemporânea. Contudo, a maior “consciência/consistência” histórica, por assim dizer, da história do esporte empreendida pelo livro não deve ser interpretada como um molde hermético através do qual o investigador deve se resignar. Ao identificar e delinear mapas possíveis desse cruzamento da história do esporte *com muitas outras histórias*, a obra deve ser entendida mais como “ponto de partida”, que – sem perder de vista o que já foi feito – ajuda entrever alternativas e novos caminhos; que ampliam (ao invés de reduzirem) o foco de análise.

## Referências bibliográficas

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENDIX, Reinhard; BERGER, Bennett. Images of society and problems of concept formation in sociology. In: GROSS, Llewellyn (ed.). *Symposium on sociological theory*. New York: Harper and Row, 1959. p. 92-118.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1994.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

---

Recebido em 30/5/2014

Aprovado em 10/6/2014